

Parto silenciado

*A luta de uma mulher contra
a violência obstétrica e o
racismo institucional*

Renato de Jesus

Parto silenciado

A luta de uma mulher contra
a violência obstétrica e o
racismo institucional

Frôntis  Editorial
São Paulo/SP
2026

Copyright© 2026 Renato de Jesus

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônicos, reprográficos etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - abril de 2026

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br



Sumário

Introdução	9
Capítulo 1	
O brilho nos olhos.	13
Capítulo 2	
Pré-natal no papel.	17
Capítulo 3	
O dia que ninguém esquece	21
Capítulo 4	
Silêncio pós-parto	33
Capítulo 5	
Vozes e voz	43
Capítulo 6	
Ato de resistência	49
Capítulo 7	
O peso da palavra	53
Capítulo 8	
Justiça tardia, voz viva	59
Conclusão	63
LEI Nº 15.378, DE 6 DE ABRIL DE 2026	
Institui o Estatuto dos Direitos do Paciente	67



Introdução

*E*xistem dores que não aparecem em exames. Não sangram diante dos olhos.

Não deixam marcas visíveis na pele.

Mas ficam.

Ficam no corpo, na memória, na forma como uma mulher passa a se enxergar depois de atravessar um momento que deveria ser de vida, e se torna de violência.

O parto, para muitas mulheres, é imaginado como um dos instantes mais potentes da existência. Um encontro entre medo e amor, entre força e vulnerabilidade. Um rito de passagem que transforma não apenas o corpo, mas a identidade.

Mas nem sempre é assim.

Para milhares de mulheres, especialmente mulheres negras, o parto deixa de ser acolhimento e se transforma em silêncio. Silêncio imposto. Silêncio forçado. Silêncio que nasce quando a dor é ignorada, quando o corpo é tratado como objeto, quando a voz é interrompida antes mesmo de ser ouvida.

A isso damos um nome: violência obstétrica.

E quando essa violência é atravessada por estereótipos, negligência e discriminação baseados na cor da pele, ela também

carrega outro nome, ainda mais profundo e estrutural: racismo obstétrico.

É urgente falar sobre isso.

Porque durante muito tempo, mulheres foram ensinadas a acreditar que sofrer no parto é normal.

Que ser maltratada faz parte.

Que sentir dor sem assistência é “natural”.

Que ser ignorada é “rotina”.

E, sobretudo, que mulheres negras são mais fortes, e por isso precisam de menos cuidado.

Essa ideia, repetida de forma velada ou explícita dentro de consultórios e maternidades, não é apenas equivocada.

Ela é perigosa. Ela desumaniza. Ela legitima a dor. E o mais grave: ela silencia.

Este livro nasce para romper esse silêncio.

Não através de números frios ou discursos distantes, mas por meio de uma história uma história que poderia ser a de muitas, mas aqui ganha rosto, nome e voz.

Neste e-book, você vai conhecer a história de uma mulher forte, e descobrir como transformar dor em justiça.

Uma mulher que entrou em um hospital para dar à luz...

e saiu carregando mais do que um filho nos braços.

Uma mulher que foi desacreditada, silenciada e ferida, mas que, pouco a pouco, encontrou o caminho de volta para si mesma.

E, nesse caminho, descobriu algo que ninguém havia lhe dito antes: que sua dor tinha nome, que sua experiência tinha valor, que sua voz podia e deveria ser ouvida.

Essa não é apenas uma história sobre violência.

É uma história sobre reconhecimento. Sobre ruptura. Sobre coragem.

E, acima de tudo, sobre o momento em que uma mulher decide que não vai mais aceitar ser calada.

Se, em algum momento, você já se sentiu invisível, desacreditada ou diminuída... talvez encontre nestas páginas não apenas uma narrativa, mas um espelho.

E, quem sabe, um começo.

Porque toda história que é contada... abre caminho para que outras não precisem mais ser silenciadas.



Capítulo 1

O brilho nos olhos

O exame deu positivo às 7h42' de uma terça-feira qualquer. Ana segurava o teste como quem segura um segredo quente demais para esconder. Sentou-se na beira da cama, ainda com a camisola fina, e deixou o olhar se perder pelo quarto. Era pequeno, simples, com uma parede descascada perto da janela, mas naquele instante o cômodo parecia maior, iluminado por dentro.

Ela respirou fundo, devagar, como se estivesse tentando controlar o coração que insistia em bater fora do ritmo.

— Meu Deus... — sussurrou. Não era medo. Era assombro.

Ao levantar, quase tropeçou no chinelo. Caminhou até o espelho e se encarou. Tocou o próprio rosto, encostou a mão na barriga, mesmo sabendo que ainda não havia nada visível ali. Mas ela sentia. Era como se o corpo tivesse acordado com outra temperatura, outro som.

Rafael apareceu na porta ainda meio sonolento, coçando os olhos.

— Tá tudo bem? — Perguntou, com a voz rouca.

Ana virou devagar, segurando o teste atrás das costas, como uma criança prestes a revelar algo proibido.

— Eu... eu tenho uma coisa pra te mostrar.

Ela estendeu a mão. Rafael pegou o teste, piscou, aproximou do rosto, depois olhou para ela. Os olhos dele se encheram antes de qualquer palavra sair.

— Amor... sério? É sério?

Ela assentiu, e ele a abraçou com força, enterrando o rosto no pescoço dela. Riram juntos, um riso que misturava incredulidade e alívio.

— A gente vai ser pai e mãe... — disse ele, quase em choque.

— A gente vai ser tudo — respondeu Ana, sentindo o abraço dele envolvê-la inteira.

Depois disso vieram as conversas sem fim, as dúvidas, os sonhos. Ana imaginava o bebê como se ele já estivesse ali: o formato do nariz, o som do choro, o jeito de dormir. No trabalho, escondia o sorriso bobo quando lembrava.

No posto de saúde, ligou para marcar a primeira consulta. A atendente parecia impaciente, como se aquela notícia, tão grandiosa para Ana, fosse apenas mais um número no sistema.

— Primeira consulta disponível daqui a vinte dias — disse a moça.

— Vinte dias? Tudo bem... eu espero.

E ela esperou. Com ansiedade, com alegria. Com brilho.

A primeira consulta chegou. O posto estava cheio, abafado, crianças correndo pelo corredor. O cheiro de álcool misturado ao de café requentado impregnava o ar.

Ana esperou por quase uma hora até ser chamada.

A médica não levantou os olhos quando ela entrou. Continuou digitando no computador.

— Nome completo.

— Ana Paula Moreira.

— Idade?

— Vinte e oito.

— Primeira gestação?

— Sim, doutora.

A médica finalmente ergueu o olhar, rápido, avaliando e então, soltou a primeira frase que Ana nunca esqueceria:

— Primeira? Tem certeza? Você tem um físico que parece de segunda ou terceira gestação.

Ana piscou, confusa.

— Mas... é a primeira.

A médica deu de ombros, como se não acreditasse.

— Mulher negra geralmente tem facilidade pra engravidar.

E voltou a digitar.

Ana sentiu a pele arder, mas não disse nada. Guardou a frase num canto da mente, sem saber que aquele seria apenas o começo.

Na hora do exame, a médica comentou sem pudor:

— A musculatura pélvica de vocês é mais firme. Por isso eu preciso fazer um pouco mais de pressão.

Ana enrijeceu o corpo.

— Dói... — murmurou.

— Ah, dor é normal. Principalmente pra vocês. Mulher preta tem limiar alto.

E apertou mais.

Quando Ana saiu da sala, sentiu o estômago revirar. Era como se o entusiasmo da gravidez tivesse se partido um pouco, deixando uma rachadura fina. Mas decidiu ignorar.

Talvez... talvez fosse exagero. Talvez fosse impressão.

Mas a rachadura ficou.

Capítulo 2

Pré-natal no papel

As semanas seguintes foram um desfile de filas, esperas e atendimentos apressados. A cada consulta, um médico diferente. Alguns gentis, outros indiferentes. Mas quase todos tinham um ponto em comum: olhavam o corpo de Ana antes de olhar para Ana.

Em uma consulta do terceiro mês, o enfermeiro mal levantou a cabeça enquanto lia o prontuário.

— Profissão?

— Professora.

— Escola pública?

— Sim...

— Ah. — Ele anotou como se essa informação dissesse tudo sobre ela.

Ao verificar a pressão, comentou sem pensar:

— Gestante negra tem mais risco de pré-eclâmpsia. Mas vocês costumam aguentar bem.

Ana engoliu seco.

— Eu sinto umas dores nas costas, doutor...

— Normal. Mulher negra carrega peso desde cedo. O corpo acostuma.

Era como se tudo no corpo dela fosse justificável pela cor.

No sexto mês, Ana já acordava tensa antes de cada consulta. Ensaiaava perguntas mentalmente: “posso fazer fisioterapia?”, “posso ter parto humanizado?”, “e analgesia?”. E sempre saía sem respostas.

Numa das consultas, juntou coragem:

— Doutora... eu tenho medo da dor do parto. Eu queria saber sobre analgesia...

A médica riu.

— Analgesia? Olha, a gente avalia na hora. Mas pra ser sincera, normalmente não é necessário pra vocês. Mulher negra aguenta mais. A natureza fez vocês fortes, né?

Ana sentiu como se tivesse levado um tapa invisível.

— Mas... eu tenho medo — repetiu, quase sussurrando.

A médica não olhou pra ela.

— Medo é psicológico. Na hora você supera. Vocês sempre superam.

No mesmo dia, Ana saiu do posto e sentou-se no meio-fio, respirando fundo. Sentiu o choro subir, mas engoliu. Engoliu por costume. Engoliu porque mulheres negras, desde cedo, aprendem a segurar a dor onde não cabe.

Ao chegar em casa, Rafael perguntou:

— Mas amor... foi tudo bem? Tá tudo certo?

Ela hesitou. Depois disse:

— Tá. Tá sim.

Porque era mais fácil mentir do que tentar explicar algo que nem ela entendia direito.

Mas enquanto preparava o jantar, as frases vinham como ecos:

“Mulher preta é forte.”

“Sua dor é normal.”

“Vocês aguentam.”

“Limiar de dor alto.”

E assim, pouco a pouco, algo dentro dela começou a escurecer.

O brilho do início ainda existia, mas agora precisava atravessar sombras para aparecer.



Capítulo 3

O dia que ninguém esquece

A dor começou discreta, como um aperto diferente nas costas, no fim de uma madrugada abafada de domingo. Ana despertou sem saber direito por quê. Olhou o relógio na mesinha: 3h08'. Por um instante pensou que fosse só mais uma das dores comuns do final da gravidez. Virou de lado, tentou encontrar uma posição melhor. A dor veio de novo, agora em ondas.

Ela inspirou fundo, segurou o ar, expirou devagar, como tinha visto em um vídeo qualquer sobre respiração para o parto.

— Calma, Ana... — murmurou pra si mesma. — Pode ser só treino.

Mas as ondas começaram a vir com mais frequência.

Levantou devagar, caminhou até o banheiro, ligou a luz amarelada. O espelho a devolveu com olheiras fundas, barriga pesada, cabelos presos de qualquer jeito. Encostou as duas mãos na pia quando outra contração veio, desta vez mais forte.

Ela gemeu baixo.